

SÃO TOMÉ-PR: UM MUNICÍPIO “ILHADO” PELO CANAVIAL**SÃO TOMÉ-PR: A “ISOLATED” PLACE FOR THE SUGAR CANE****Vitor Hugo Ribeiro¹***vitor.vbr@hotmail.com***RESUMO**

A expansão da monocultura canavieira para a produção de combustível vem estimulando um intenso debate no meio acadêmico, principalmente quando se trata dos problemas sociais e ambientais em torno desta atividade. Dois aspectos desta discussão serão abordados neste trabalho: o primeiro é a expansão da cana-de-açúcar em áreas produtoras de alimentos, que vem gerando ameaças à soberania alimentar e aumentando os preços dos mesmos. O segundo ponto, trata-se da mobilidade dos trabalhadores rurais que, sob pressão, são obrigados a cortar mais e mais cana-de-açúcar para garantir a demanda produtiva de etanol no mercado consumidor interno e externo. Para tanto, serão apresentados alguns resultados sobre essa problemática no município de São Tomé-PR, que tem na Usina de Açúcar Santa Terezinha LTDA a principal atividade geradora de emprego no município. Mesmo sendo um município demograficamente pequeno, o setor sucroalcooleiro se apresenta como o principal motor econômico que contribui para o desenvolvimento local de São Tomé. Porém, alguns efeitos e impactos de âmbito global no local devem ser expostos quando se trata desta atividade no País. Foi devido a essa reflexão, que delineamos a construção da presente pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Cana-de-açúcar, Policultura, Trabalhador Rural, São Tomé-PR.

ABSTRACT

The sugar cane expansion of the fuel production monoculture is stimulating an intense discussion among the universities, mainly when it treats about the social and ambiental problems around this activity. Two aspects of this discussion will be taken into consideration in this article: the first one is related to the sugar cane expansion in the food-producing areas, which are creating threats in the alimentary sovereignty and price increase of food. Another point is about the mobility of the agricultural workers who, under pressure are obliged to cut more sugar cane to guarantee the productive etanol request in the internal and external consuming market. Therefore, in the article, we will show some of the problematic results research made in São Tomé, city situated in Paraná, Brazil, where there is a factory of sugar called Santa Terezinha LTDA, whose main economic activity is a generated job source in the city. Even being a small city, the sugar cane sector is

¹ Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá e integrante do Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização- NEMO.

presented as the main contributor for the development of São Tomé. However, some effects and the global scope impacts in the place must be shown when it is related to this activity in the city. It was through this reflection that we have contributed with this work.

KEY WORDS: Sugar cane; Agriculture; Agricultural worker; São Tomé-PR.

Introdução

A implantação da monocultura canavieira no Brasil começou logo nas primeiras décadas de ocupação portuguesa no Território. A princípio, o grande objetivo desta atividade era exportar o açúcar para o mercado europeu além de povoar o recente país colonizado. O açúcar se apresentava, naquele momento, como um produto de grande valor comercial e tão logo grandes áreas agrícolas foram destinadas à gramínea (PRADO JUNIOR, 1970). Um dos principais impactos sociais da expansão da cana-de-açúcar no Brasil Colonial foi a competição pelas áreas produtoras de alimentos, além do regime de trabalho baseado na escravidão.

Graziano da Silva (1985) afirma que no Brasil Colonial quando o preço do açúcar aumentava no mercado exterior, todas as terras e os escravos eram utilizados para expandir a lavoura canavieira com o objetivo de aumentar a produção açucareira. Com isso diminuía-se as áreas produtoras de alimentos, gerando fome na colônia.

Percebe-se então, que a produção canavieira x alimentos é um problema antigo em nosso país. Atualmente a cana-de-açúcar se apresenta como a terceira cultura agrícola que mais ocupa área em nosso território atrás da soja e do milho, sendo o Brasil o maior produtor e exportador de açúcar do mundo, e o maior produtor e exportador do etanol produzido pela cana-de-açúcar (MARCATTO et al, 2010).

A lavoura canavieira está presente em quase todos os Estados Brasileiros e nos últimos anos vem apresentando uma expansão acelerada desta atividade devido ao aumento da procura pelos derivados da cana-de-açúcar no comércio exterior. Na safra de 2009/2010 foram plantados aproximadamente 7, 4 milhões de hectares. Já na safra de 2010/2011 a estimativa foi de aproximadamente 8 milhões de hectares, totalizando uma produção de mais de 660 milhões de toneladas (MARCATTO et al, 2010).

Nos últimos anos, todas as regiões brasileiras tiveram um aumento de área agrícola ocupada pela lavoura canavieira (MARCATTO et al, 2010). Em se tratando do Estado do Paraná, o mesmo ocupa a terceira posição dentre os Estados que mais dispõem de áreas agrícolas para a cana-de-açúcar, atrás de São Paulo e Minas Gerais.

Já os Estados de Goiás e Mato Grosso do Sul vêm aumentando vertiginosamente áreas agrícolas destinadas à cana-de-açúcar. Os dois Estados tiveram na safra 2010/11, respectivamente, um aumento de 27,4 e 28% em relação a safra anterior. Já na Região Norte, o Estado do Tocantins que na safra de 2009/10 teve menos de 1 mil hectares cultivados pela cana-de-açúcar, na safra seguinte teve aproximadamente 14 mil hectares destinados à gramínea, um aumento de 1.960% (MARCATTO et al, 2010).

Nestas áreas do País encontram-se solos com elevada a moderada aptidão física para o cultivo da lavoura de acordo com o Zoneamento Agroecológico da cana-de-açúcar, ideal para a intensificação desta atividade no Centro-Oeste e Norte do Brasil. Estima-se que mais da metade do Território de Goiás contém solos com elevada a moderada aptidão física (MENDONÇA, 2009). Esses e dentre outros fatos merecem um olhar geográfico para desvendarmos os sujeitos e as contradições acerca desta atividade no Brasil.

Um dos fatores que vêm impulsionando essa expansão da cana-de-açúcar, além da procura dos derivados da mesma no mercado exterior, é a elevação do consumo interno de etanol combustível que podem ser misturados à gasolina nos motores flex-fuel. Mais da metade da frota de carros do Brasil atualmente rodam com a tecnologia flex-fuel (RIBEIRO, 2011).

Essa expansão da cana-de-açúcar, motivada também pelo mercado global, vem ocasionando diversos problemas no âmbito de escalas locais, dentre eles o detrimento da policultura, a desagregação da agricultura camponesa no Brasil, além da exploração da força de trabalho no meio rural. Esses reflexos acontecem principalmente em municípios sedes de unidades de produção do ramo sucroalcooleiro.

Diante destas problemáticas, o presente trabalho tem por objetivo tecer algumas considerações sobre a atividade canavieira no município de São Tomé- PR localizado na malha urbana da mesorregião Noroeste Paranaense, e discorrer algumas implicações geradas pela monocultura canavieira, principalmente no que diz respeito à desagregação da policultura local e à mobilidade dos cortadores da cana-de-açúcar. O município de São

Tomé foi escolhido nesta pesquisa porque o mesmo se encontra “ilhado” em meio ao canavial e por se tratar de uma localidade demograficamente pequena que apresenta uma certa dinâmica regional no que diz respeito à mão-de-obra empregada no corte da cana-de-açúcar. O período de análise sobre a problemática em questão focou-se no ano de 2011, período em que foi defendida a dissertação de mestrado intitulada “Mobilidade forçada e exploração da força de trabalho: um olhar para os trabalhadores da cana-de-açúcar do Noroeste Paranaense”, que resultou no presente artigo. Porém, serão apresentados dados e demais informações acerca da produção agrícola do município em questão, dos anos 2000 a 2010. Esta periodicidade foi escolhida pelo fato do agronegócio canavieiro no Brasil ter o seu avanço, mediante crescente incentivo à produção do Etanol combustível nesta última década, causando alguns efeitos no âmbito de diversas localidades do Brasil.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, buscamos dados e demais informações de cunho quanti/qualitativo no que diz respeito às características geoeconômicas do município, procurando espacializar algumas informações através de representação cartográfica, facilitando com isso a interpretação das mesmas. Para tanto, elaboramos esta pesquisa em duas partes: a primeira tratando brevemente do histórico do município bem como das principais atividades econômicas locais que mobilizam a força de trabalho local; e a segunda parte tratando-se dos vínculos de São Tomé com a lavoura canavieira, enfatizando a expansão da gramínea no município em detrimento de outros cultivos importantes para a alimentação humana e para a soberania alimentar, e a mobilidade e espacialidade da força de trabalho volante empregada pela Usina de Açúcar Santa Terezinha LTDA- Unidade São Tomé.

São Tomé: breve contexto histórico

O município de São Tomé está ligado aos empreendimentos colonizadores promovidos pela Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná, aproximadamente na década de 1950, quando esta área que hoje compreende o município pertencia à Cianorte. Na época pioneira da colonização, a principal atividade local foi a madeireira, tendo a peroba, o cedro, os marfins e as caviúnas como as principais árvores utilizadas para a comercialização. Posteriormente essa vegetação cedeu espaço para o café e, devido aos

solos férteis (Cianorte e São Tomé marcam a transição das terras roxas às arenosas do Noroeste Paranaense), tão logo o município se tornou promissor e rico.

A origem do nome do município foi dada pelo departamento de topografia da Companhia de Terras, em referência histórica ao Caminho de São Tomé, antigo Caminho de Peabiru, via pré-colombiana que ia do litoral paulista até a cidade paraguaia de Assunción, passando pela região do atual município de São Tomé que era bastante utilizada pelos povos indígenas da época do “descobrimento do Brasil” (Paraná da Gente, 2010). Os Pioneiros do município foram: João Batista Belinezzo, Benedito Paia, José Peres Canhadas, e mais as famílias Garcia, Moros, Aricini e Bortolucci. O município foi criado, sem passar pelo estágio de distrito, em 25 de julho de 1960, através da Lei Estadual n.º 4.245. O primeiro prefeito municipal foi o senhor Luíz Fernando Nicolau.

Em 1970, devido aos empreendimentos voltados à economia cafeeira, o município atingiu 9.298 habitantes, sendo 7.556 provenientes no meio rural, e 1.742 no meio urbano (Tabela 1). Uma característica marcante da economia cafeeira, como pode se constatar é o predomínio da população que vivia no meio rural. Assim como em São Tomé, outros municípios do Norte Paranaense tiveram essa característica, onde no decorrer da mecanização agrícola, muito municípios passaram a ter uma evasão populacional demasiada e, conseqüentemente, um aumento na população urbana. Porém, em termos de população total, o fator marcante nestas localidades foi evasão.

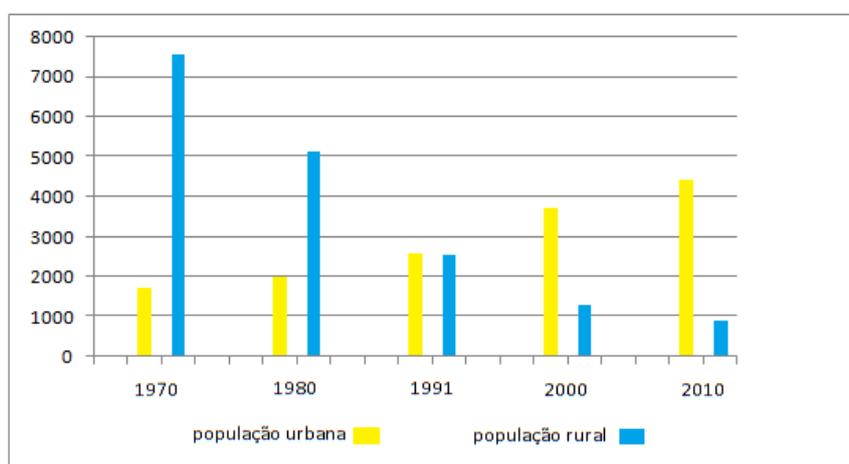
**Tabela 1- Município de São Tomé- Evolução da população urbana, rural e total.
1970-2010.**

<i>Ano</i>	<i>População Urbana</i>	<i>População Rural</i>	<i>total</i>
1970	1.742	7.556	9.298
1980	2.012	5.146	7.158
1991	2.576	2.539	5.115
2000	3.737	1.304	5.041
2010	4.446	903	5.349

Fonte: RIBEIRO, 2011.

É possível constatar pela tabela 1 esse fluxo emigratório do município de São Tomé. Apesar da população no meio urbano ter crescido, a evasão total foi muito grande. Se em 1970 a população total do município era de 9.298 habitantes, em 2000 esse número caiu para 5.041. O Gráfico 1 apresenta essa distribuição e percebe-se a queda demasiada da população nas décadas de 1970/80.

Gráfico 1- Evolução populacional do Município de São Tomé- anos 1970 a 2010.



Fonte: RIBEIRO, 2011.

Assim como em outros municípios do Noroeste Paranaense, essa evasão populacional se deu em decorrência da crise da cafeicultura e a entrada de outras atividades no meio rural, dentre elas a pastagem, além também da concentração de terras. A falta de oportunidades para jovens e adultos fizeram com que boa parte da força de trabalho migrasse para outras regiões paranaenses, principalmente nas regiões de Curitiba, Maringá, Londrina e dentre outros polos econômicos do Paraná (CARVALHO, 2008).

Endlich (2009) em *Pensando os papéis e significados das pequenas cidades* aborda a problemática da região, marcada, quase que exclusivamente, por municípios demograficamente pequenos que teve no decorrer da modernização agrícola essa evasão populacional intensificada. Corroboraram com isso as novas atividades agrícolas tecnificadas, poupadoras de força de trabalho, que deram novos papéis e significados nestas

localidades, tanto no meio urbano quanto no meio rural. Nas cidades não havia suporte e estrutura suficiente para receber a população do meio rural e o resultado foi a emigração. Contudo, algumas atividades que existiam ou que passaram a existir foram cruciais para a manutenção da população local e, conseqüentemente, para o desenvolvimento destas localidades. São atividades voltadas às agroindústrias alimentícias e de bebidas ou álcool etílico, além também daquelas voltadas ao vestuário e artefatos de tecidos. Indústrias químicas, atividades comerciais e serviços públicos também são importantes na geração de empregos locais (Tabela 2).

Essas são algumas características encontradas no município de São Tomé, onde a força de trabalho está empregada nas atividades agroindustriais, químicas, serviços públicos e têxteis. Esta última desenvolve-se no município devido a sua proximidade de Cianorte, um dos polos econômicos da mesorregião Noroeste, conhecido no âmbito econômico nacional pelas indústrias têxteis.

Tabela 2- São Tomé, número de estabelecimentos e empregos segundo as atividades econômicas- 2009.

<i>Atividades Econômicas</i>	<i>Estabelecimentos</i>	<i>Empregos</i>
Indústria de extração de minerais	1	26
Indústria de madeira e do imobiliário	2	13
Indústria quím, prod. Farm., veterin., perf., sabões, velas e mat. Plást.	2	135
Indústria têxtil, do vestuário e artefatos de tecidos	8	155
Indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico	12	1.837
Comércio varejista	30	70
Comércio atacadista	1	2
Instituições de crédito, seguro e capitalização	1	4

Admins de imóveis, valores mobil., servi. Técn. Profis., aux. ativ. econ.	2	2
Transporte e comunicações	14	20
Serviço de alojamento, alim., reparo, manut., radiodifusão e televisão	9	21
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	2	2
Ensino	1	-
Administração pública direta e indireta	2	251
Agricultura, silvicultura, criação de animais, extração vegetal e pesca	21	36
TOTAL	115	2.574

Fonte: Cadernos municipais, IPARDES, 2010.

De acordo com a Tabela 2, as atividades que mais geram empregos no município de São Tomé estão voltadas a indústria de produtos alimentícios, de bebida e álcool etílico, gerando aproximadamente 1.837 empregos em 2009. Essas atividades vêm sendo as mais importantes devido a presença no município da Unidade de açúcar e de álcool do grupo Santa Terezinha.

As atividades apresentadas na Tabela 2 revelam certa dinâmica e importância para o município uma vez que elas contribuem para a fixação da população local, fazendo com que boa parte da população economicamente ativa (PEA) esteja empregada no município de origem. Com isso revelou-se um pequeno crescimento populacional nos anos de 2000 a 2010, conforme apresentado na Tabela 1. São atividades, tanto na zona urbana quanto na zona rural, que merecem maior atenção no meio acadêmico ao estudar a problemática destes municípios demograficamente pequenos.

A População Economicamente Ativa total de São Tomé se aproxima de 2.791 trabalhadores, segundo IPARDES 2010. Deste total, 2001 trabalhadores são da área urbana, e 790 da área rural. Se referenciarmos os 115 estabelecimentos econômicos de São Tomé, e o total de emprego que eles ofertam- 2.574 (Tabela 2), percebe-se então o baixo índice de desemprego nesta localidade. Os trabalhadores restantes da PEA que não estão

inseridos nestes empregos, provavelmente estão exercendo outras atividades temporárias na zona rural, especialmente na atividade canavieira, ou estão ainda na fase escolar ou em cursos.

Os vínculos do Município com a cana-de-açúcar

Ao se tratar da atividade canavieira, tema de estudo desta pesquisa, a Unidade de Produção de São Tomé foi instalada no município já na década de 1980. A Destilaria COAMTOⁱ surgiu com os incentivos do PROÁLCOOL onde, agricultores da região de São Tomé desacreditados com as culturas existentes após a modernização agrícola e a crise cafeeira, decidiram proporcionar outra opção no município, juntando-se e instalando a destilaria. A cana-de-açúcar, além de se adaptar nas áreas de solos arenosos da região, também utilizaria a mão-de-obra advinda do meio rural decorrente da mecanização agrícola. Com isso, diminuía a evasão populacional que tanto preocupava empresários rurais e urbanos devido a falta de mão-de-obra (TEIXEIRA, 1997).

Tamanho foi o empreendimento, que em 10 anos após o surgimento da Unidade, 80% dos empregos gerados no município relacionam-se à Unidade, sendo estes 10% no setor industrial, e 70% na área agrícola (TEIXEIRA, 1997). Essa alta porcentagem de trabalhadores na área rural revela a necessidade dos mesmos em se afirmarem no mercado de trabalho, pois como há de se constatar, nestas décadas- 1980/90, o município perdeu população devido a modernização do campo e da entrada de atividades poupadoras de força de trabalho, como a pecuária e dentre outras.

Se por um lado o setor sucroalcooleiro ofereceu emprego à população, por outro a monocultura da cana-de-açúcar marcou de forma expressiva as atividades advindas do meio rural de São Tomé, em diminuição ou até mesmo em detrimento de outros cultivos. Isso vem acarretando o fim da policultura e desagregando ainda mais a agricultura camponesa local, culminando com a alta dos preços dos produtos destinados a alimentação humana do município, que por sua vez acabam vindos de outras localidades.

Os quadros a seguir apresentam a área plantada com lavoura temporária e permanente do município, nos anos de 2000 a 2010. Este período de tempo para a análise

dos dados foi escolhido porque culmina com o período das políticas do governo federal e incentivos do mesmo para a manutenção do parque sucroalcooleiro do País, em virtude da economia energética e com o desenvolvimento da frota de carros flex-fuel movidos a álcool e a gasolina, ou na mistura dos dois combustíveis. Foi o período da retomada do setor sucroalcooleiro promovida pelo governo do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva.

No decorrer desse período, é possível perceber o aumento da cana-de-açúcar e a diminuição da área de alguns cultivos, dentre eles do feijão, arroz (deixa de ser cultivado no ano de 2004), a mandioca e o café. Uma explicação para isso, além da expansão da cana-de-açúcar, a concentração dos cultivos destinados às agroindústrias como a soja, o milho, a mandioca que mesmo diminuindo áreas é uma atividade significativa na região Noroeste bem como a laranja que vem acenando com um aumento também na área plantada, devido às atividades ligadas à citricultura.

Neste período, a cana-de-açúcar teve um aumento de aproximadamente 27% de área plantada. Se no ano 2000 a área ocupada pela lavoura era de 7.530 hectares, em 2010 se aproximou de 9.550 hectares. São os reflexos das políticas de âmbito nacional e internacional do etanol combustível, pautadas na comercialização do produto no mercado interno e externo, que vêm acarretando esse aumento exacerbado da lavoura canavieira em diversas localidades do Brasil. Se pegarmos a área total compreendida pelo município de São Tomé, que se aproxima de 21.862 hectares (RIBEIRO, 2011), constatar-se-á que a cana-de-açúcar ocupa aproximadamente 45% do perímetro municipal.

Se considerarmos em 2010, além da cana-de-açúcar, as áreas destinadas às demais culturas como a mandioca, o milho, a soja, o trigo, o café e a laranja, o valor se aproxima de 14.000 hectares. Isso representa aproximadamente 65% de todo o perímetro municipal de São Tomé. Os 35% restantes do perímetro municipal destinam-se ao espaço urbano e à pecuária que também se desenvolve no município, além de outros cultivos. Percebe-se que as atividades da agricultura camponesa destinadas à alimentação humana são menos expressivas e praticadas em poucas áreas.

Quadro 1- Município de São Tomé, evolução da área plantada com lavoura temporária, 2000 a 2010.

<i>Área plantada (Hectares)</i>											
<i>Lavoura temporária</i>	<i>Ano</i>										
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Abacaxi	-	-	-	-	-	-	-	25	25	25	10
Amendoim (em casca)	3	3	4	-	-	-	5	5	8	5	2
Arroz (em casca)	10	10	10	10	-	-	-	-	-	-	-
Aveia (em grão)	-	-	-	-	100	40	-	-	-	-	-
Batata-doce	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cana-de-açúcar	7.530	7.813	7.474	8.906	8.769	9.055	9.311	9.779	10.200	9.534	9.550
Feijão (em grão)	110	120	80	30	47	35	60	50	12	6	15
Mamona (baga)	5	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Mandioca	1.303	1.303	903	400	900	1.000	380	470	400	603	453
Melancia	1	1	2	3	3	4	5	3	3	3	-
Milho (em grão)	1.263	2.100	1.500	2.050	1.850	1.520	2.650	3.100	1.650	1.620	1.120
Soja (em grão)	1.245	1.300	1.800	2.700	2.900	2.900	2.500	1.800	1.700	1.500	1.120
Sorgo (em grão)	-	-	-	-	50	-	-	-	-	-	-
Tomate	1	1	3	3	2	-	-	-	-	-	-

Trigo (em grão)	150	150	400	300	150	200	250	250	-	260	300
------------------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	---	-----	-----

Fonte: Censos Agropecuários, IBGE

Elaboração: NEMO, 2012.

Quadro 2- Município de São Tomé, evolução da área plantada com lavoura permanente, 2000 a 2010.

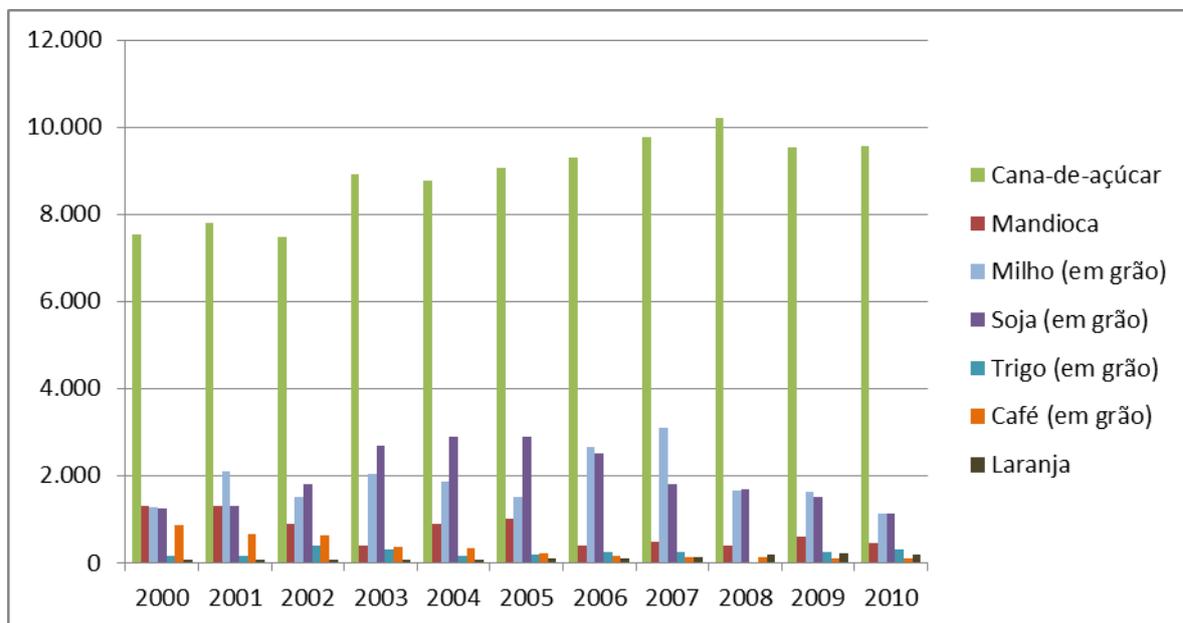
<i>Área plantada (Hectares)</i>											
<i>Lavoura permanente</i>	<i>Ano</i>										
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Abacate	3	3	-	-	-	-	-	-	-	-	
Café (em grão)	852	652	634	355	321	210	170	119	135	98	87
Goiaba	30	30	37	30	30	30	30	30	30	30	30
Laranja	73	73	73	66	71	98	98	117	196	215	200
Manga	15	15	15	15	15	15	15	5	5	5	
Maracujá	-	-	-	-	-	-	-	3	3	3	1
Palmito	-	-	-	10	10	10	12	12	12	12	10

Fonte: Censos Agropecuários, IBGE

Elaboração: NEMO, 2012.

Através das informações anteriores representadas pelos Quadros 1 e 2, projetamos o Gráfico abaixo para fins de comparar a evolução da área plantada com as principais lavouras do município de São Tomé no período de 2000 a 2010. É possível constatar essa discrepância da área destinada à lavoura canavieira em relação às áreas das demais atividades agrícolas.

Gráfico 2- Município de São Tomé, evolução da área plantada com as principais lavouras, 2000 a 2010 (em hectares).



Fonte: Censos agropecuários, IBGE.

Elaboração: NEMO, 2012.

A concentração da lavoura canavieira no município de São Tomé deixa vulnerável a soberania alimentar e a produção dos pequenos produtores. Entende-se como Soberania Alimentar, de acordo com a Via Campesina, o direito que os povos têm de definir suas estratégias bem como políticas de produção, distribuição e consumo de alimentos principalmente no mercado local. Essa produção é fundamentada nas pequenas e médias propriedades, visando a diversificação de culturas e a diversidade de modos camponeses, pesqueiros, indígenas dentre outros vinculados ao território (CAMPOS, 2006).

Percebe-se que o agronegócio canavieiro inibe os produtores de definir suas produções, ao passo que as usinas e destilarias fazem esse serviço. Também, como foi apresentada no gráfico e nos quadros anteriores, a diversidade fica cada vez mais vulnerável com a concentração da gramínea, desapropriando os pequenos e médios produtores que se vinculam ao território, dando lugar à lavoura canavieira. Com isso o mercado local de alimentos e dentre outros produtos advindos da agricultura camponesa são cada vez mais afetados, encarecendo o preço dos mesmos. O avanço e os estímulos financeiros ao

agronegócio como um todo provoca a mobilidade camponesa rural/urbana e a pobreza no campo brasileiro para aqueles que ainda têm no campo sua maneira de produzir e sobreviver. O município de São Tomé trás consigo esse reflexo, principalmente no que diz respeito ao mercado de trabalho, que está fortemente atrelado ao agronegócio, que emprega em suas unidades de produção antigos produtores rurais, filhos e netos de produtores.

As atividades representadas no Gráfico 2 compreendem as principais atividades advindas do meio rural de São Tomé e estão relacionadas, principalmente, às Indústrias de produtos alimentícios, de bebidas e álcool etílico, onde ao todo possuem 12 estabelecimentos, gerando em 2009 cerca de 1.837 empregos como foi exposto na Tabela 2. A principal fonte de renda de São Tomé vem das atividades agroindustriais representadas acima, e com isso os usineiros e dentre outros agentes do agronegócio manipulam as políticas públicas locais, alienam a população no âmbito da mão de obra barata, e intensificam cada vez mais o latifúndio e a monocultura no município.

Em se tratando do mercado de trabalho, o setor sucroalcooleiro é de longe o mais expressivo na geração de emprego para o município de São Tomé e para outras localidades do Paraná, pois a Usina Santa Terezinha, Unidade São Tomé, é de expressão mesorregional no que diz respeito à abrangência territorial da mão-de-obra no meio rural, principalmente quando se trata do corte da cana-de-açúcar. No período de safra, a Unidade mobiliza trabalhadores das Mesorregiões Noroeste, Norte Central e Centro Ocidental. Embora São Tomé seja um município demograficamente pequeno de dinâmica local, o mesmo evidencia a sua importância na geração de emprego e renda de diversos municípios paranaenses.

Tratando-se dos cortadores e cortadoras da cana-de-açúcar, a Unidade São Tomé mobiliza trabalhadores dos seguintes municípios: Guaporema, Rondon, São Manoel do Paraná, Indianópolis, Japurá, Ourizona, Paiçandu, Doutor Camargo, Cianorte, Jussara, Terra Boa, Engenheiro Beltrão, Quinta do Sol, Tuneiras do Oeste, Araruna, Peabiru, Fênix, Farol e Barboza Ferraz. A Tabela 3 apresenta o número de trabalhadores mobilizados pelos municípios citados anteriormente, sendo que ao todo o número de trabalhadores mobilizados pela Unidade se aproxima de 1.100 trabalhadores na safra 2010/11.

O Mapa 1 mostra a espacialidade geográfica da mobilidade dos trabalhadores rurais, sendo possível constatar que a Unidade mobiliza trabalhadores em alguns casos de até 100 km de distância de São Tomé, como no caso de Barboza Ferraz.

Tabela 3- Origem da mobilidade e número de trabalhadores rurais mobilizados pela Unidade São Tomé- ano 2010.

<i>Origem dos Trabalhadores</i>	<i>Número de Trabalhadores Mobilizados</i>
Guaporema	21
Rondon	11
São Manoel do Paraná	19
Indianópolis	10
Japurá	59
Ourizona	38
Paiçandu	41
São Tomé	200
Doutor Camargo	51
Cianorte	39
Jussara	10
Terra Boa	188
Engenheiro Beltrão	40
Quinta do Sol	103
Tuneiras do Oeste	36
Araruna	34
Peabiru	42
Fenix	41

Farol	37
Barboza Ferraz	44

Fonte: RIBEIRO, 2011.

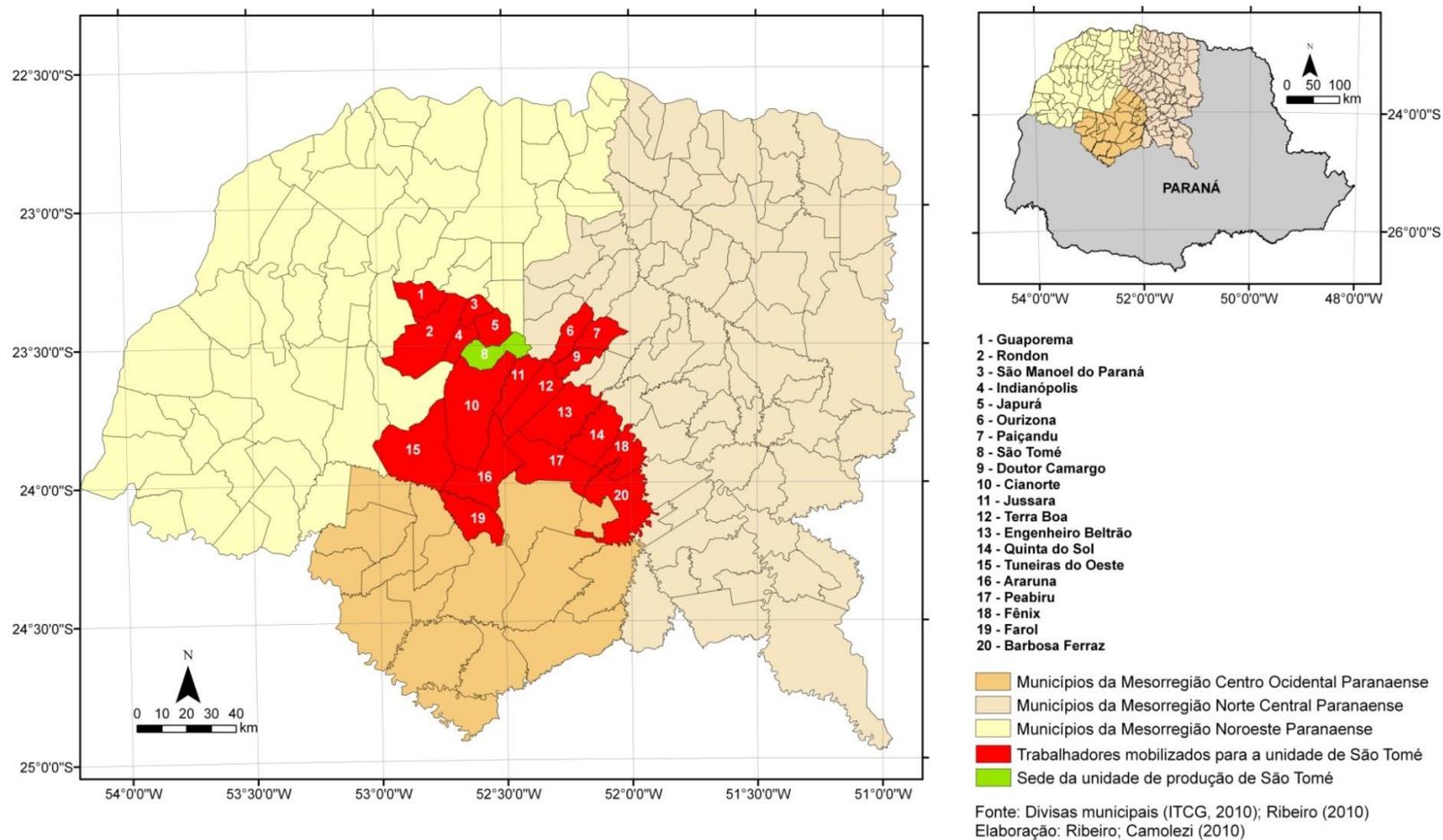
A Mesorregião Norte Central, como pode-se observar, tem 3 municípios que ofertam mão-de-obra no meio rural para a Unidade São Tomé. São os municípios de Ourizona, Paiçandu e Doutor Camargo. Pela escala do mapa, essas localidades parecem próximas de São Tomé (aproximadamente 40 km). No entanto, devido a malha urbana, a distância acaba se aproximando dos 60 a 70 km do município sede. Já a Mesorregião Centro Ocidental é a que mais municípios ofertam trabalhadores para a unidade. Ao todo são 8 municípios: Terra boa, Engenheiro Beltrão, Quinta do Sol, Fenix, Peabiru, Farol, Araruna e Barboza Ferraz. Os demais municípios compreendem a Mesorregião Noroeste. Uma das características dos trabalhadores volantes ou bóias frias é a mobilidade diária. Para D'Incão (1984), historicamente o trabalhador volante é resultado do desenvolvimento do modo de produção capitalista que expropriou agricultores familiares camponeses de suas terras e reabsorveu-os como assalariados temporários pelo sistema produtivo agrário.

Atualmente, essa mobilidade da força de trabalho no corte da cana-de-açúcar também se dá em decorrência do estado de miserabilidade social de muitos municípios demograficamente pequenos, que mobilizam trabalhadores não tecnicizados do campo ou da cidade para submeter a esse tipo de relações de trabalho, consistindo na única oferta de emprego para os mesmos. A existência nos municípios apresentados na Tabela 3 de uma população desprovida de estudos escolares, desempregada ou trabalhando temporariamente acaba atendendo aos requisitos de acumulação do capital na economia canavieira e nas demais atividades rurais da região. Sendo assim, a mobilidade da força de trabalho no corte da cana-de-açúcar aparece como um fator primordial para a acumulação do capital nos moldes de Marx (1975), uma vez que possibilita ao empresário usineiro a minimização de capital constante no eito (máquinas, colhedoras, etc.), além também da diminuição da remuneração (capital variável) da força do trabalho empregada.

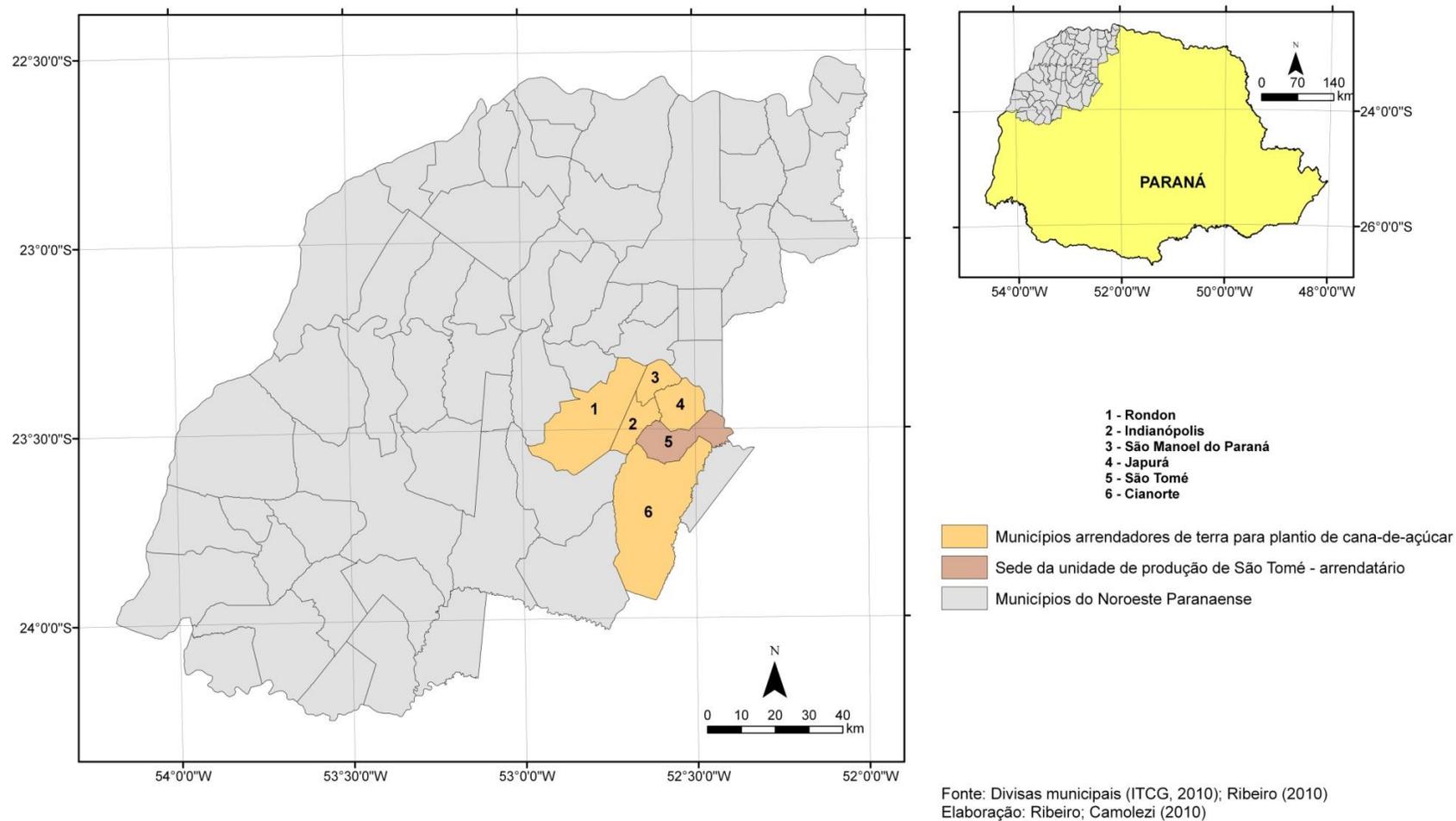
O espaço de mobilidade dos cortadores da cana-de-açúcar empregados pela Unidade São Tomé é aquele onde a usina arrenda terras para o cultivo da gramínea. As áreas arrendadas localizam-se nos seguintes municípios: São Tomé, Cianorte, Japurá, São

Manoel do Paraná, Indianópolis e Rondon (Mapa 2). Relacionando o Mapa 1 com o Mapa 2, podemos observar os grandes percursos diários para um trabalhador chegar ao seu local de trabalho, pois nem sempre os cortadores trabalham em localidades próximas de seus municípios de origem.

Essa lógica é marcante na atividade canavieira do Brasil, pois em diversas localidades onde há Unidades do ramo sucroalcooleiro, a mão-de-obra extrapola os limites municipais da sede de usinas e destilarias. As áreas arrendadas também extrapolam os limites municipais das sedes das usinas, como apresentado nesta e dentre outras pesquisas como em Ribeiro; Rocha (2011).



Mapa 1- Abrangência territorial da Unidade São Tomé sobre a mão-de-obra no corte da cana-de-açúcar- ano 2010.



Mapa 2- Noroeste Paranaense, municípios arrendadores de terras para a Unidade São Tomé no ano de 2010.

Além de mobilizar trabalhadores rurais para o plantio e corte da cana-de-açúcar, a Unidade de Produção também mobiliza funcionários especializados em diversas atividades, como nas áreas de engenharia, administração, segurança do trabalho, serviço social e entre outros. Geralmente, as pessoas mais qualificadas vêm de outras localidades e acabam fixando moradia nas cidades sedes ou próximas a estas (RIBEIRO, 2011). Com isso, verifica-se uma movimentação imobiliária nestes municípios sedes de unidades de produção, que acarreta, mesmo que timidamente, no aumento da população local.

Portanto, como pode-se notar nesta e em outras pesquisas desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização- NEMO do departamento de graduação e pós- graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, são vários agentes sociais ligados ao ramo agroindustrial sucroalcooleiro do Brasil. Além do Estado servindo recursos para a construção de usinas e destilarias, também estão presentes funcionários dos setores sociais prestando assistências aos trabalhadores, principalmente rurais. O descaso do Estado para com essa classe de trabalhadores, além do enfraquecimento dos sindicatos rurais, fizeram com que planos assistencialistas fossem contemplados aos bóias frias pelas próprias Unidades de Produção. Com isso torna-se mais evidente a alienação do trabalhador rural e a submissão do mesmo em longas jornadas exaustivas de trabalho como afirma Thomaz Junior (2002).

A mobilidade dos cortadores da cana-de-açúcar da Unidade São Tomé é caracterizada pela macromobilidade, considerando-a por “macro” os deslocamentos diários intermunicipais apontados em Rocha (1998). Em termos escalares, o vai e vem do capital de acordo com Smith (1988) resulta numa integração espacial das principais escalas geográficas: a escala urbana, a escala da nação e a escala global. Estas não têm por objetivo a fragmentação do espaço geográfico e sim a integração do mesmo. Os resultados apresentados nesta pesquisa, como a concentração canavieira no município de São Tomé e a mobilidade dos cortadores da cana-de-açúcar são, nada mais do que efeitos das políticas energéticas renováveis de escala global no âmbito da escala local. É no local que presenciemos os principais impactos sociais e ambientais decorrentes da atividade canavieira do País.

Atrelado a isso, ainda permeia a problemática dos produtores rurais em se manter no bojo do sistema econômico vigente, onde investem-se cada vez mais em tecnologias no campo, incentivando e intensificando o agronegócio no Norte Paranaense. Produtores familiares e dentre outros que produzem alimentos dificilmente conseguem se manter nesse

processo, esquecidos muitas vezes pelo próprio Estado e pelos órgãos assistenciais como EMATER, bancos e dentre outros. Isso favorece o próprio agronegócio, pois muitos desses produtores, endividados e desiludidos, arrendam suas terras para o latifúndio agroexportador causando sérios impactos na soberania alimentar.

Um exemplo disto foi no começo de 2012, onde o Governo Federal fixou um programa de subsídios de R\$ 500 milhões para a estocagem do Etanol além de outros incentivos para financiamentos a juros menores aos agentes do agronegócio sucroalcooleiro. Com esta medida o Governo espera suprir a demanda interna de etanol, garantindo um preço razoável do combustível no período entressafra (Folha de SP, 2011). Enquanto isso, estoques de arroz, feijão e dentre outros produtos da mesa do brasileiro são deixados em segundo plano, ou muitas vezes nem dão atenção à essa problemática. O Brasil carece ainda de um programa de estocagem de alimentos de fato, garantindo a demanda às presentes e futuras gerações com o objetivo de erradicar a fome e a pobreza no País.

O debate e os projetos conduzidos há décadas pelos órgãos internacionais como a Organização Mundial do Comércio (OMC), Banco Mundial, Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) visando a erradicação da fome no mundo não surtiu o efeito esperado. A ONU estima em haver aproximadamente 860 milhões de pessoas famintas no mundo, e uma alta no preço das *commodities* agrícolas juntamente com a expansão das lavouras destinadas à produção do biocombustível ameaça aumentar ainda mais essa calamidade. É a temida crise dos alimentos alertada por (OLIVEIRA, 2008).

Essa crise mundial é reflexo do fracasso do agronegócio fundado na agroquímica e com prática de transgenia que se propõe como alternativa para garantir a produção de alimentos às presentes e futuras gerações. Movimentos de cunho social como a Via Campesina, acredita que a fome será amenizada ou até mesmo erradicada de fato se existir uma agricultura baseada na diversidade de cultivos e na preservação do ambiente como um todo.

O agronegócio, embasado no Neoliberalismo se preocupa com a reprodução do capital mediante as suas *commodities* advindas da mecanização e da expansão da monocultura para a exportação, e não para atender às demandas locais, preservar a biodiversidade e dentre outras riquezas naturais. A produção agrícola de São Tomé é destinada, quase que exclusivamente, às cooperativas agroexportadoras do Norte Paranaense, principalmente a

soja, o milho e o trigo. Com isso o município insere-se no modelo hegemônico atual, pautado na monocultura e na concentração de terras, gerando diversos impactos de ordem social e ambiental no local.

Cabe então, olharmos para o local investigando e avaliando seus possíveis impactos de ordem social e ambiental decorrentes do poder global. Para isso, também necessitamos de novas trajetórias e fazer uma Geografia que integre a cultura (cultivo ou lavoura), que investigue a força de trabalho e sua mobilidade e considere os personagens sociais ligados ao meio rural. Estes e outros sujeitos que fazem parte do processo produtivo rural necessitam também de um olhar geográfico para que o capital agroindustrial não reproduza ainda mais contradições sociais, já tão expressivas em nosso País.

Considerações Finais

Buscamos nesta pesquisa levantar algumas considerações sobre a concentração canavieira no município de São Tomé, bem como tecer a mobilidade dos trabalhadores rurais contratados pela Usina de Açúcar Santa Terezinha Unidade São Tomé. A problemática abordada neste trabalho não restringe apenas a São Tomé, mas também em diversas outras localidades do Estado do Paraná que foram contemplados com usinas e destilarias. Geralmente, as sedes de Unidades de Produção dispõem para o capital sucroalcooleiro grandes áreas agrícolas para a produção da cana-de-açúcar. Com isso, outras culturas vão com o tempo desaparecendo do meio rural, como foi apresentado nos Quadros 1 e 2. As cidades ficam, decorrente disso, “ilhadas” em meio a cana-de-açúcar que poluem, impacta o solo, contaminam rios, além de promover outros efeitos negativos de ordem social como a precarização do trabalho e a desagregação da agricultura camponesa.

É possível perceber, no decorrer deste texto, que o município de São Tomé desde a sua origem dependeu das atividades agrícolas para o seu desenvolvimento. Com a modernização agrícola e a crise cafeeira, o solo arenoso dificultava a adaptação de uma atividade que fosse rendosa para a localidade. As atividades que adentraram não foram capazes de ofertar trabalho para uma mão-de-obra que vinha sendo expropriada do meio rural. Com isso, o município encontrou na cana-de-açúcar e na agroindústria sucroalcooleira o ramo ideal para amenizar essa evasão populacional. Fato possível de constatar com as informações apresentadas na Tabela 2. A agroindústria canavieira é o setor que mais emprega no município, promovendo a fixação da população local. Isso é

viável em termos de desenvolvimento local, porém deveria existir também no município agroindústrias voltadas à produção de alimentos e que incentivassem a policultura e a agricultura camponesa ou familiar.

A dinâmica das atividades locais de São Tomé merece esse olhar acadêmico, principalmente por se tratar de uma localidade demograficamente pequena que apresenta sérios problemas no seu entorno. A problemática ainda será maior se, por ventura, a mecanização da colheita da cana-de-açúcar existir de fato, desempregando a população no corte manual. Como foi apresentado no Mapa 1, não somente São Tomé será prejudicado com isso, mas também uma série de municípios que ainda dependem deste tipo de trabalho para empregar parte da população economicamente ativa.

A classe de trabalhadores no campo tem a responsabilidade histórica de se contrapor, junto com a sociedade, entidades e demais movimentos sociais, o modelo hegemônico de produção agroexportadora brasileiro. Portanto cabe mais uma vez ao Estado fortalecer as entidades e os movimentos sociais locais e expandir as políticas públicas voltadas ao meio rural a estes municípios, principalmente no que diz respeito à diversidade agrícola e à agricultura camponesa.

O Consórcio Nacional de Segurança Alimentar e Desenvolvimento Local (CONSAD) é um caminho para o fortalecimento da policultura local, gerando trabalho e renda para pequenos produtores. Esse e dentre outros projetos de cunho social inibe o avanço da monocultura em áreas produtoras de alimento, fixa o trabalhador na sua propriedade inibindo o mesmo às jornadas exaustivas no eito do corte da cana-de-açúcar.

Atualmente nós temos, no bojo do Governo Federal, defensores de uma agricultura capitalista pautada no agronegócio, bem como defensores da produção camponesa autogerida, autossustentada e na perspectiva do desenvolvimento local. Esta última e dentre outras políticas sociais são cruciais para a erradicação da fome e da pobreza no Brasil, e para que no futuro não tenhamos a reprodução da miserabilidade social decorrente da expropriação de camponeses e camponesas e da desqualificação de uma população economicamente ativa.

Notas

ⁱ Vale lembrar que nos anos 2000 o Grupo Santa Terezinha incorporou a Coamto, passando então os direitos àquele grupo. Para mais informações sobre as aquisições do Grupo Santa Terezinha, consultar o site http://www.cargapesada.com.br/noticias/noticia_ver.php?id=3110.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Christiane Senhora Soares. Campesinato autônomo- uma nova tendência gestada pelos movimentos sociais do campo. **Revista Lutas & Resistência**. N.1. Pág. 146-162. UEL/Gepal, Londrina. Set.2006.

CARVALHO, Josiane Fernandes. **Os assalariados rurais da agroindústria canaveira na mesorregião noroeste paranaense**. 2008. 199 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós- graduação em Geografia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

D' INCÃO, Maria Conceição. **O bóia fria**. Acumulação e miséria. Petrópolis. Vozes. 1975. 154p.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. UNESP. Presidente Prudente. 2009. 357p.

FOLHA DE SP. Estocagem de álcool terá R\$ 500 milhões. **Folha de Sp**. São Paulo. 27 de dez. 2011. Mercado.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O que é questão agrária**. 11ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1985. 114p.

IBGE. **Censos agropecuários**. 2000/2010. Disponível em: <www.ibge.com.br> acesso em: Mar/2012.

_____. **Censo Demográfico**. 1970/2010. Disponível em: <www.ibge.com.br> acesso em: Mar/2012.

IPARDES. **Cadernos Municipais**: Caderno estatístico município São Tomé. Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br>>. Acesso: dez/2010.

MARCATTO, Celso; SCHLESINGER, Sergio, OVERBEEK, Winfridus. Cortina de fumaça: o que se esconde por trás da produção de agrocombustíveis. **ActionAid**. 2010. 44p.

MARX, Karl. **O Capital**. 4ª edição. Rio de Janeiro.Zahar, 1975, 395p.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues: A agrobioenergia: os mitos do setor sucroalcooleiro em Goiás. In: **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**. 2009. São Paulo. Pág 1-22.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Agricultor e Idéias. **Discutindo a Geografia**, nº21, p.28 a 33, 2008.

PARANÁ DA GENTE: Disponível em: <<http://www.prdagente.pr.gov.br>> Acesso em: 08/01/2011.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 10ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense. 1970. 390p.

RIBEIRO, Vitor Hugo. **Mobilidade forçada e exploração da força de trabalho: um olhar para os trabalhadores da cana-de-açúcar do Noroeste Paranaense**. 2011. 174p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós- Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

RIBEIRO, Vitor Hugo; ROCHA, Márcio Mendes. Exploração e alienação da força de trabalho: os trabalhadores da cana-de-açúcar mobilizados pelas Unidades de Produção de Cidade Gaúcha e Rondon- PR. **Revista Pegada**. Presidente Prudente. vol. 12 n.1, pag. 85-103. 2011.

ROCHA, Márcio Mendes. **A espacialidade das mobilidades humanas**. Um olhar para o Norte Central Paranaense. 1998. 186p. Tese (Doutorado em geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia. Universidade de São Paulo. São Paulo.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção de espaço. Rio de Janeiro. 1988. 250p.

TEIXEIRA, Amélia M. **O uso e ocupação do solo em uma área canavieira no município de São Tomé**. 1997. 57p. Trabalho de conclusão de curso de especialização. Universidade Estadual de Maringá. Cidade Gaúcha, 1997.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. **Por trás dos canaviais, os “nós” da cana**: a relação capital x trabalho e o movimento sindical dos trabalhadores na agroindústria canavieira paulista. São Paulo. Annablume. 2002. 388p.